



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR - **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. *Batalha* - Lisboa - Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS SUPPOSTAS OITO HORAS

Como suceda estar implantado algumas, as mais importantes, cidades do país, e para algumas, as mais decididas corporações operárias, o horário de oito horas, por aí se arranham furiosos e certos paladros do pulpo burguês ou certos escrevinhadores da imprensa mercantilista - a proclamar dissolvíveis em mândria irremissível as energias da grande classe trabalhadora. Quem assim fala, esquece-se absolutamente de que não lhe sobeja autoridade moral para achar reduzida a jornada de oito horas, e não lhe sobeja autoridade porquanto quem palra ou escrevinha de tal sorte não faz em regra, nem pouco nem muito. Nem nada. Para começar com método e chegarmos a fazer-nos compreender diremos que por trabalho entendemos a função necessária e útil à existência de uma sociedade. Não faz mal que essa função seja de natureza intelectual, pois que um trabalhador é um homem no seu laboratório, ou Flamarion no seu posto de observação astronómica, como o carpinteiro na sua oficina ou o alfaiate no seu atelier. Estamos cansados de afirmar isto, e eles, os que nos atacam, continuando a fazer orelhas moucas e teimando em afirmar, de dias a dias, que para nós os sindicalistas, para os bolchevistas, só vale o trabalho do músculo, de blusa suja pela cal, com a fronte perlada pelo suor do esforço físico. Não se lembram estes atacantes desleais de que por exemplo a memória de Ferrer, que era um professor e não um manual, perdura principalmente nas almas dos trabalhadores. Mas, voltando à nossa, trabalhemos a ser apenas aqueles esforços que resultam produção aproveitável para a grei. O economista de um club de jogatina bem se sabe que gasta em cada noite vida e nervos; o gatufo profissional bem se sabe que consome a vida em aventuras mais ou menos agotantes; mas repugna-nos e não dá a nós isso repugna chamar trabalho a estas actividades condenáveis ou mesmo criminosas. Do mesmo modo, o ajuntamento que é mal comparado, o político de profissão nada trabalha e está na mesma o patrão, que, na maior parte dos casos, sabe apenas arrecadar os lucros provenientes da exploração dos seus operários.

Faz efectivamente regra em Portugal a circunstância de estar a frente das indústrias criaturas panguadas, mal sabendo fazer o próprio nome em letra toca e nada percebendo do mister do ramo especial de actividade que os locupletos. Para a direcção técnica dos estabelecimentos que possuem chamam um especialista das vezes estrangeiro e é esse que lhe faz girar a mó. Para fiscalizar a produção em oiro há uma guarda livros que escreva e relate o meto em cofre. O patrão permanece incapaz de gerir, com aptidões próprias, o estabelecimento de que um acaso de nascimento ou uma condescendência inedita da sorte o fez senhor. Vai lá sua excelência ao fim do mês, empocha o que correu nos trinta dias, mal diz um pouquinho de multa miséria que lá dentro, nas oficinas, sua o tressura para enriquecê-lo, e sai-se às vezes com um projecto descabelado a respeito da exploração fabril, projecto cujos sonos é ainda um empregado que tem a dedicação de apontar-lhos.

Ora esta gente, positivamente, não trabalha. Nem o patrão, sem ciência técnica, nem o político, fértil em rabulices proveitosas, nem o escrevinhador ou palrador (não confundir com os verdadeiros intelectuais) que pretendem ensinar ou intrujar os outros, sem nada ter aprendido anteriormente. Não trabalham. E são justamente estes os que se permitem o impudico supremo de dechamar mândrios aos operários que pretendem fazer valer a jornada de oito horas. Achem pouco oito horas de trabalho aqueles que nem uma teem em cada dia. Dizem que é necessário aumentar, neste tempo de crise, a produção. E não vêem outro meio para aumentá-lo se-

NOTAS & COMENTÁRIOS EM S. BENTO

Calor

Tem sido de braza os dias últimos. Nas oficinas, como nos campos, o trabalho é agora penoso como nunca. Há usinas que são como fornalhas, batidas pelo sol abrasador, sem uma aragem fresca que as ventile. Mas mister é trabalhar sem um descanso. Andai, forçados, mas andai depressa. Pagaram-vos, sois máquinas insensíveis de produzir. Trabalhai, trabalhai sempre, trabalhai velozes. O calor que importa? Não o sente o patrão no seu *collage* bebendo coisas frescas sob as árvores. Não tendes vós o direito de senti-lo. Trabalhai, trabalhai sempre, até que a morte venha aquietar-vos finalmente!

Leis...

Assim reza o artigo 2.º da lei de Imprensa actualmente em vigor: «Incurrerá na pena de demissão e na de multa de 200\$00 a 1:000\$00, ficando ainda sujeita a indemnização de perdas e danos, se tiver lugar, e que será liquidada em execução de sentença, se nesta não puder ser logo determinada, a autoridade contra quem o delegado do procurador da República, ou qualquer interessado, provar que submeteu a censura, ordenou ou autorizou a apreensão, apreendeu, ou por qualquer forma embarcou a livre circulação de quaisquer publicações, ainda que para tanto tivesse ordem ou autorização de superior legítimo».

Apezar disto, *A Batalha* continua sujeita ao regime da censura prévia, intercalado com a sua apressosidade de vez em quando, para variar. Já aqui fizemos sentir quão prejudicial é para nós um tal regime, para mais representado ele uma excepção revoltante só posta em prática para a imprensa operária. Mas a modos que a coisa está ainda para levar e durar. A consideração que a liberdade e a lei merecem a estes senhores aqui à sociedade se demonstra.

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quasi diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já a ser um vício. Mas a tal ponto vai a inconfinência dos querelantes, que já os belagros da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, cá se vem trazer, por velocidade adquirida, a assim se explica que ontem tivemos vindo de destino nesta redacção uma contrainformação a *Epoca*. *Vade retro!* E tomem lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confundam com *A Epoca* nem a brincar...

A BATALHA

começará, na quinta-feira, a publicação de um novo folhetim, da autoria do escritor socialista Octave Mirbeau, glória da literatura universal e um dos maiores escarpeladores da sociedade burguesa. Essa obra, que decerto prenderá no mais alto grau a atenção dos nossos leitores, intitula-se

O CALVÁRIO

É uma leitura agradável e sadia, de que bem necessitam os trabalhadores, para educação do espírito, de forma a bem compreenderem as belezas encerradas nas páginas de muitos livros que, inúmeras vezes, olham indiferentemente.

O ex-kaiser no exílio

ROTTERDAM, 23. - Dizem de Amesterdão que o ex-kaiser tem efectuado diversos passeios de trem, debaixo da vigilância das autoridades holandesas. Crê-se que a filha do ex-imperador e seu esposo, o duque de Brunswick, fixarão residência em Haia no mês de Outubro.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Apesar das inúmeras subscrições de solidariedade, abertas entre o proletariado, em auxílio de diversas classes em luta, verificamos com prazer a dedicação que, pelo seu órgão na imprensa, tem manifestado as classes trabalhadoras.

Registamos hoje mais as importâncias seguintes:

Transporte...	2.041\$48
Um grupo de 4 operários...	1\$00
Quete na obra do Depósito de Praças da Armada...	3\$13
J. Rocha...	\$56
Matilde...	\$60
L. A. L. (Estremoz)...	\$30
M. Proença (Gonçalo)...	1\$00
Albino L. Silva...	\$50
Manuel da Cunha...	\$29
3 presos do Carmo...	\$60
Carlos M. Lopes (Pórtio)...	\$17
Grupo Sindical "Suarine" (Guarda)...	2\$00
Barreto...	\$800
Um grupo de <i>chouffeurs</i> ...	1\$400
Total...	2.070\$50

As grandes catástrofes

PARIS, 25. - O comboio que saiu de Paris para Bordoens, desarrilou perto de Arritix. Do terrível desastre resultaram sete mortos e vinte pessoas feridas.

As declarações do sr. Sá Cardoso

«As prisões preventivas são hoje legais. Assim que se apurarem os casos de que possam ser acusados os indivíduos presos, serão soltos»

«Reconheço que, de facto, há pessoas honestas que concordam com as ideias subversivas e que estão desviadas do bom caminho»

No sábado, respondendo ao deputado socialista Manuel José da Silva, que o interpelou acerca das arbitrariedades de prisões de operários no Norte, sob a ridícula acusação de bolchevistas, declarou o sr. Sá Cardoso «que as prisões preventivas são hoje legais e que a medida que se forem apurando os casos de que possam ser acusados os indivíduos presos, serão soltos». Não nos cansaram, na forma do costume, grande impressão as declarações do improvisado estadista, que já teve o deslante de afirmar no parlamento que não reprimia o fogo por isso acarretaria a perturbação do orden público, confessando, assim, ter medo dos bolchevistas, ao passo que perseguia de uma maneira revoltante o povo trabalhador. No entanto, achamos forte de mais. As prisões preventivas não podem de oito dias? Apesar disto, camaradas nossos tem sofrido as inclemências do cárcere por muitos mais dias, sendo por fim libertados, sem que se inquiria dos seus crimes. Mesmo não sabemos bem em que lei se firma o sr. Sá Cardoso para afirmar que as prisões preventivas são hoje legais? Quem as está hoje efectuando são os mesmos indivíduos que se indignavam por Sidónio Pais, usando de processos identicos, atirar para as prisões, centenas de republicanos, cujo único delito era não concordarem com o regime despótico inaugurado pela revolução de Dezembro. Então, lançavam nos jornais ataques que os actos de Sidónio Pais eram ilegais, que tais arbitrariedades eram demais agora, com o azar das agitações revolucionárias de novo os levou ao Tevel do Paço, não hesitam em cometer violências identicas ou ainda piores.

Diz o sr. Sá Cardoso que «a medida que se forem apurando os casos de que possam ser acusados os indivíduos presos, serão soltos». Quere dizer: um operário que, quando trabalha, dificilmente consegue manter a família, é vítima da agúcia dos esbirros da Segurança do Estado, ou, então, de qualquer inimidade. Ele é um terrível revolucionário e prendem-no. Por fim, as autoridades acabam por averiguar que não passa de um operário honesto, consciente, que se esforça por ver a classe trabalhadora dotada de uma boa organização sindical, ao abrigo da qual se defende das extorsões da burguesia, e ao fim de vinte ou trinta dias de detenção, libertam estes proletários, que deixam a família a braços com grandes dificuldades. Acha o sr. Sá Cardoso que assim é que está bem. Pois nós entendemos que está muito mal. De justiça seria que todos os indivíduos presos arbitrariamente fossem indemnizados pelo Estado dos prejuizos sofridos. O que é demais é continuarem impunes os responsáveis pelos sofrimentos de tantas famílias, sofrimentos que não devem desconhecer porque, há bem pouco tempo ainda, por eles passaram os republicanos presos por Sidónio Pais, sobretudo os que não eram ricos.

Em vários países já vigora há muito tempo a indemnização aos indivíduos presos contra os quais nada se prove. No tempo do antigo regime, as prisões não se faziam com a levandade que caracteriza as autoridades republicanas. Poucos eram os casos de prisões em massa ou preventivas. Agora não: em pleno regime democrata, o que é sintomático, qualquer governador civil ou chefe de polícia, caso é que seja dotado de um critério tacaño, abjundando bastantes criaturas dessas nas hostes republicanas, prende arbitrariamente. Assim, se um cidadão que se julga ao abrigo da lei, é preso porque andava em liberdade e posto em liberdade porque estava preso, ficando para sempre ignorando o que teria motivado as iras policíscas.

Nessa mesma sessão parlamentar, declarou ainda o sr. Sá Cardoso que reconhecia «que, de facto, há pessoas honestas que tem ideias subversivas e que andam desviadas do bom caminho». Para o actual presidente do ministério parece ser caso para admiração que o operariado consciente seja formado por trabalhadores honestos; compreende-se, porém, tal admiração, porque, sendo frequentador assíduo dos centros políticos, onde abundam os marotos e desclassificados, julga que o resto da humanidade foi amassada com a mesma argila. E quanto ao andarem os operários conscientes desviados do bom caminho, não compreendemos bem o que o sr. Sá Cardoso quer dizer com isso. Bom caminho é o que trilham os trabalhadores que se querem emancipar, que querem ser homens livres dentro da sociedade livre, constituindo um factor do Progresso, impelindo o universo para estradas mais rasgadas donde se dividem horizontes mais limpidos. Mas caminho seguiria o operariado se se deixasse explorar sem um grito de protesto, sem bradar à burguesia que tem direito a viver, a compartilhar das riquezas sociais. Isso sim. Seria o abastardamento, a cobardia máxima, talvez apetecida pelo burguesismo do sr. Sá Cardoso, que muito se admira, ele que é largamente remunerado pelo Estado, de que os produtores reclamam aumento de salário para fazerem face ao exagerado custo da vida.

Há, pois, pessoas honestas que tem ideias subversivas e que andam desviadas do bom caminho. Mas quem entende o presidente do ministério por bom caminho? Será bom o trilhado pelos potentados do comércio e da indústria, que tem especulado descaradamente com a miséria pública, a nada atendendo, não querendo ver a maldade do seu procedimento, só para encherem as burras a deltar por fora? Quem é mais digno? O estadista que mantém a supremacia de uma casta, esmagando os que a ela não pertencem, que fomenta a guerra entre os povos e lança as multidões, para satisfazer intuições ocultas, em convulsões revolucionárias, ou o operário, honesto, trabalhador, de cérebro despojado, vendo claramente as causas da injustiça social, que, trabalhosamente, verdadeiramente, vem trazer a sua pedra para o edificio do futuro, cujos caboucos já estão lançados, começando a erguer-se as primeiras paredes mestras?

Sobre isto não pode haver dúvidas. Mas o sr. Sá Cardoso, que julga viver no século passado, não sabendo que rola sobre a humanidade uma irresistível onda de renovação, acha que não é quem é o operário ainda a que a criatura inerte, resignada a passar fome durante toda a vida, limitando-se a olhar invejosamente para a opulência dos privilegiados e deixando-se ludibriar pela dialéctica de qualquer político profissional. Engana-se. Hoje já há muitos trabalhadores conscientes, que se apercebem de que a sociedade capitalista está carcomida, presta a desabar, só com o préstimo para recolher a um museu de velharias e aprestam-se para a substituir, para confiar a produção e a distribuição das riquezas sociais aos seus sindicatos, que substituirão a direcção de todas as indústrias, que ocasiona o desordenamento da produção e da sua distribuição, pela direcção única, baseada nas necessidades do mercado nem nas especulações comerciais, mas nas exigências da comunidade. Os tempos mudaram, sr. Sá Cardoso!

As greves

Marceneiros

Conforme ontem noticiamos, terminou, após 77 dias de luta, a greve desta classe, com satisfação completa das suas reclamações. Mantiveram os camaradas marceneiros, durante sete semanas, uma luta tenaz que é digna de registo, porque, devido à sua forte solidariedade, conseguiram vencer todos os *trucs* do bloco patronal e as violências e arbitrariedades da autoridade, que não conseguiram desfazer a forte união de tão valorosa classe.

Os industriais que faziam parte do grupo dos intransigentes e que a baseavam no facto de os operários reclamarem um aumento que consideravam exagerado, estão agora demonstrando a sua má fé oferecendo-lhes salários muito mais elevados que os da tabela sindical.

A fim de elucidar bem a opinião pública, e em especial a classe operária, resolveu o sindicato dos marceneiros publicar um manifesto, descrevendo minuciosamente todo o movimento que demonstrou existir entre eles um verdadeiro espírito de sacrificio e abnegação.

A comissão da greve resolveu convocar para a próxima sexta-feira, uma assembleia magna, onde será presente um trabalho de grande alcance para a classe.

Farinheiros de Almada

Os operários farinheiros de Almada, continuam em greve, sem haver qualquer caso digno de menção, além da traição de um dos grévistas, Alexandre Brito, que voltou ao trabalho apesar de inúmeras vezes ter afirmado na Associação que se houvesse *amarelos*, deviam receber o devido correctivo.

Corticeiros de Belém

Conforme dissemos, declararam-se sexta-feira em greve, pelas 14 horas, as operárias da fábrica Persy Ellis, no Alinho. Derivou este movimento do facto de ter o patrão recusado, num dos últimos dias da semana finda, o aumento que pelo pessoal feminino lhe foi reclamado. A casa Persy Ellis paga a 11 centavos o milho de rolinhas chamadas de meia garrafa, enquanto que em outras fábricas dos arredores de Lisboa se paga esse mesmo trabalho por \$14. As rolinhas grandes, ditas de batóque, paga-as a fábrica Persy Ellis a 13 centavos contra 20, que é o preço corrente nos demais estabelecimentos do género. As operárias reclamaram o aumento de 3 centavos em cada milho de rolinhas, negando-se o patrão a satisfazer tal modesta reclamação que, mesmo atendida, ainda deixaria o pessoal feminino desta fábrica em condições inferiores ao do das outras fábricas. Não só as modestíssimas reclamações apresentadas foram desatendidas como ainda o patrão tem recebido as comissões de operárias com sarcasmos e ironias de mau gosto e absolutamente irritantes. As operárias grévistas devem redmír brevemente para tomar deliberações

O DEVER DOS INTELECTUAIS

Sob a epigrafe acima, faz o grupo «Clarité», composto de valores intelectuais como Anatole France, Barbusse, Richet, etc., um apelo que constitui uma severa lição aos nossos pequenos intelectuais, que tomam descaradamente o partido da burguesia e do mercantilismo contra as reivindicações proletárias.

As forças materiais sucedem o conflito das ideias. Não é menos ardente. Pouco a pouco reveste as mesmas formas sangrentas. Mas é ainda mais importante, mais profundo, pois remonta às causas de todas as instituições existentes.

Parece-nos complexo, porque tudo abraça. Não é apenas uma luta de morte entre o passado e o futuro. Trata-se de manter ou de refazer totalmente, dum extremo ao outro do mundo, o estatuto da vida comum.

Todas as mudanças sobrevindas no decorrer dos tempos, todas as realizações executadas são obra dos pensadores e dos artistas, inventores espirituais que dão ordem ao progresso.

A guerra fez desabar as aparências. Poz a nu a mentira, os velhos erros, os sofismas sabiamente alimentados que do passado fizeram um longo martírio da justiça. Hoje, impõe-se a necessidade de organizar a vida social segundo as leis da razão.

Pois que as questões humanas são pela humana inteligência são validamente reguladas, aos intelectuais é que pertence sobretudo intervir na preparação do reinado do espírito.

O interesse geral põe em jogo desde já cada interesse particular, cada um de nós está ameaçado, se as leis do passado dominarem as do presente.

Os intelectuais não ficarão, não poderão ficar impassíveis.

O que neste momento se acha em discussão é mais ainda a paz e a vida de todos os homens do que um dever moral, do que as exigências imperativas do ideal.

Passou a hora de discutir a missão do escol, de limitar o destino próprio ao «esplendor isolamento». Sou a sua hora de cumprir o seu dever humano, para aqueles a quem a beleza preoccupa, para a hora de introduzir na vida impondendo a verdade.

Já alguns ergueram a voz, mas baldados serão os seus esforços, se se mantiverem dispersos. Não existe só um ponto a obscuridade: está em toda a parte. Que homem poderia pretender, sozinho, aliguentá-la?

O único recurso está na vontade unida dos que sabem. Neste instante, existe pelo mundo um verdadeiro acordo entre os espíritos livres, acordo que, para ser eficaz, deve ser formulado. Levantem-se, pois, aqueles cujo pensamento fraterniza, e reconheçam-se! Fundem sem tardar, por cima das fronteiras, a sua família imensa! Já mais se realizará o seu ideal, se eles se não decidirem a realizá-lo.

Para criar esta união é que nós lançamos o nosso apelo, e este apelo suscita ecos inúmeros. Escritores, artistas, sábios começaram a agrupar-se.

Não tem em mira formar um partido político; visam a formar um entendimento vivo em volta dum ideal vivo. O seu esforço é definido, e o cuidado que os inspira é o do futuro.

Trabalham na preparação da República Universal, fora da qual não há salvação para os povos. Querem a abolição das barreiras fáticas que separam os homens, a aplicação integral dos catórtos pontos wilsonianos, o respeito da vida humana, o livre desenvolvimento do indivíduo, unicamente limitado pelas necessidades da comunidade viva, a igualdade social de todos, homens e mulheres, a obrigação do trabalho para todo o cidadão válido, o estabelecimento

tes da festa. Uma minoria, porém, reentrou na sala da sociedade, e para lá reentram os quatro triges de corleira verde. As provocações recomaeram, tendo ficado um camarada de nome Serra, por ter esboçado uma pequena resistência às tropéias dos guardas republicanos, picado várias vezes nas costas pelo que teve de receber curativo no posto da Cruz Branca. Entrementes entraram no recinto adjunto à sociedade mais dois guardas, que compunham a ronda, e lá dispararam vários tiros. Diversas adúcia tiveram lugar seguidamente até que ao local de tam tristes sucessos chegou o chefe Delgado da esquadra do Rato, acompanhado de vários seus subordinados. Chegou depois um sargento da guarda republicana acompanhado de algumas praças, e por fim o comandante do destacamento de Campolide também escoltado por vários soldados. Este capitão, digno em absoluto dos seus subordinados, exclamou furibundo para o sr. José de Carvalho, que pretendia explicar-lhe o que se havia passado:

«Cale-se já! De contrário faço-o encostar a uma parede e meter-lhe os quatro tiros na cabeça!»

Assim procede usualmente a guarda republicana, tanto monta tratar-se do soldado «branco» como do oficial enlutado. Para essa gente, nós, isto é, o público, mais não é que uma horda de predatórios que é preciso zurzir, com pretexto ou sem pretexto, dar-lhe p'ra baixo, até matá-los a todos, para que fiquem só em campo as feras de corleira verde - entredevorando-se depois, por velocidade adquirida.

O Tratado de Paz

BRUXELAS, 23. - O senado continua a discutir o tratado da paz pronunciando o sr. Hymans ministro dos estrangeiros um longo discurso. - H.

O QUE VAI POR PARIS

Batalhando pela vida

Como o cidadão Vigneron conseguiu comprar os tomates mais baratos — Os Comités de Vigilância dos consumidores — Este inverno, na Europa, mais que nunca, o homem vai ser um

lobo para o homem

Na colina de Montmartre, vive um cidadão a quem chamaremos qualquer coisa, Vigneron, por exemplo. O cidadão Vigneron veste umas calças de pano; tem chapéu branco com uma fita preta; usa bigode, pera e meia melena. E' dos que, quando chega o momento, sobem a qualquer parte e cantam a *Marselhesa*, agitando o chapéu no ar e gritando: «Cidadãos! Vigneron é, todavia, um tipo de 1830, à Béanger. Não é poeta, porém é artista; não canta senão a *Marselhesa* ou o último *couplet* das portas de Paris, mas pinta, escreve e tem êxito. Se na volta de um *boulevard* não interrompe a marcha certo grupo de gente que faz semi-círculo em volta de uma tenda, provável é vermos lá no alto, saindo por cima e por baixo do largo tubo de uma blusa de saco, respectivamente, a cabeça de artista e as calças de pano de Vigneron, enquanto as mãos fora das mangas como de uns braços postigos, sustentam uma brochura suficientemente fina para nutrir as retorcidas curvas de um letrinho que seria a primeira amostra do lirismo e do pensamento da Terra, para o homem que caísse docemente de outro planeta.

Este alto destino da obra de Vigneron não se cumpre nunca e o de adornar a fachada dos estabelecimentos, não representa, visto bem o caso, um artigo de primeira necessidade. Porém, o cidadão Vigneron, tão pouco é um pintor de brochura gorda ou, pelo menos, a sua brochura não é a que se quer para pintar portas e janelas a salário defendido pela greve. A brochura de Vigneron não é proletária; o seu trabalho é uma profissão livre. Corolário: Vigneron pertence à classe dos que mais sofreram com a carestia das subsistências.

Deante desse grave problema, Vigneron não se põe a cantar a *Marselhesa*, porém soltou o seu grito de: Cidadãos! E assim, constituiu-se em Paris, entre os moradores de Montmartre, o primeiro comité de vigilância dos consumidores sobre os vendedores. O cidadão Vigneron conseguiu levar os seus vizinhos até à *mairie* do bairro; penetraram todos os que cabiam na sala, falaram todos que puderam e aprovou-se uma ordem do dia com muitos considerandos, assinada pelo comité de vigilância. Fez-se uma colecta e o comité e todos os reunidos, foram à rua das Abadesses, onde precisamente se encontram muitas vendedoras.

O cidadão Vigneron lá à cabeça do coitejo e não tinha olvidado o cesto das compras, que em Paris é um saco de rede. Do que mais gostava Vigneron, neste tempo, é dos tomates em salada. Quando viu os tomates no carro de uma vendedora, Vigneron deteve-se e, com ele, todo o comité e seu sequito.

—A quanto os tomates, senhora? perguntou solene, mirando os seus companheiros.

A vendedora percebeu a gravidade da pergunta e titubeou.

—Porque não tem expostos os preços?—volveu a pergunta, vincando a sua attitude, o cidadão Vigneron.

Várias cozinheiras, que em pouco tempo se haviam ajuntado à grande massa, intervieram:

—E' um escândalo, senhor, vende os tomates a 1 franco e 50 o quilo.

—Não, não—exclamou, dirigindo um olhar ao público, a vendedora. Dou-os ao senhor por 60 centimos.

—Está bem—respondeu com ar de juiz o cidadão Vigneron—dê-me uma libra de tomates.

A notícia correu por todos os postos de verduras, entrou nas mercearias; o público aplaudiu Vigneron; a vendedora despachou-se, num instante, dos tomates e o Comité de Vigilância continuou no seu passeio triunfal sobre os preços abatidos.

No dia seguinte, os jornais noticiaram os acontecimentos, formaram-se comitês nos outros bairros de Paris, as vendedoras amotinaram-se, os comerciantes sentiram a commoção das suas algebras, os vendedores resistiam nos mercados com os abastecimentos; o público intervia e armava-se uma batalha de hortaliças; o tráfico estava paralisado, nas estações amontoavam-se ao sol os vagões carregados de vitualhas frescas, os importadores telegraphavam mandando suspender as remessas de viveres e os telegraphistas, de comum accordo, não deixavam seguir esses telegramas.

Entretanto, o cidadão Vigneron, na sua habitação de Montmartre, saboreava o resto de um coelho com cenouras, que, além da salada de tomates, tinha podido colher na sua rede no dia anterior. Isto não tira o valor ao acto desse descendente de Béanger. Renan, sentindo-se um aristocrata da República, disse que o vulgar Béanger não era poeta; pode também dizer-se, com um historiador moderno, que o célebre completista se confundiu no século XIX, a democracia, o Império e a Revolução.

Todas as noites quando já não circulam os electricos, passa em Paris, no largo da Avenida de Orleans e do *boulevard Saint Michel*, um carro de mercadorias que reflete logo a sua luzinha vermelha no Sena, cruzando a praça Cartieiro e subindo até aos mercados. Ao cair a tarde, das colinas que encerram, fora de Paris, o vale de Chevreuse, baixam muitas carripas carregadas de cestos, dirigindo-se à linha do caminho de ferro e descarregando-as nas estações, ali minúsculas. Esperam, com as costas alinhadas, a passagem do comboio de mercadorias e noturno que vai até aos mercados da capital.

O vale de Chevreuse é o país das hortaliças; é a terra dos hortelãos de Paris. Se às horas em que cada um recolhe a sua casa, tomados o comboio que o percorre, encontrarem os passageiros assim divididos nas diversas classes do comboio: na primeira, viajam alguns opulentos vendedores, com o seu alfomado natural num assento e os pés no chão; na segunda, os militares e mulheres mais pobres; na terceira, muitas operárias, menos trabalhadoras e muitos cidadãos Vigneron de profissão livre. O resto da sociedade viaja de automóvel ou de bicicleta.

Há só uma maneira de fazer com que os legumes sejam acessíveis neste vale de hortas e consiste em cultivá-los. Para tomarmos pela manhã um copo de leite, tem que se percorrer, na tarde anterior, com um javito, a distancia que nos separa da leitaria. As serviações vão desaparecendo. Na leitaria reparte-se o leite pelas tardes, por volta das seis horas. A essa hora, ali, reúnem-se pessoas de todas as classes sociais; a sua posição reconhece-se, sobretudo, pelo recíproco que cada uma leva. Eu vi um diplomata da Conferência da Paz e, no entanto, não o reconheci pelo recíproco. Este distinto diplomata, representante na Conferência de uma dessas novas nacionalidades vagamente conhecidas, quer tomar ar e, ainda que não tenha nada que fazer, não se atreve a afastar-se de Paris; teme que, durante a sua ausencia, encontrassem de menos a nação que representa.

Todo este mundo, tão distinto, espera às vezes, na leitaria, durante largo espaço de tempo, a dona do estabelecimento. E' que uma velhinha vivaz, foi à feira de Limoges, de Sougismeau ou de Versailles para recompr o estabulo, pois lá antes roubaram-lhe duas vacas. Por fim, a velhinha chega e, antes de repartir o leite, visita o galinheiro e sai chorando.

—Ali Ali! Agora roubaram-me mais dois pobres.

Em vista disso, sobre o preço dos ovos, se alguém se atrever a comprá-los. Mas, às vezes o que paga a alta do preço é o mesmo que pela noite vai à desforra, roubando à velhinha um pato do seu galinheiro e do seu coração. Esta chora e, entre soluços, confessou-me que na feira comprou para sua filha um colar de mil francos.

Em algumas provincias organizaram-se melhor as transacções; os ladrões não roubam, pagam o que levam por um preço razoavel. São os Comités de Vigilância.

Até agora, sem cenas de pilhagem como as de Liverpool, com um exterior menos trágico que comico, tem-se ido liquidando, na França, a herança da guerra. Porém, também a subita riqueza de uns, a intervenção da insólita fundação, de um modo que se poderiam chamar revolucionário se não continuasse no poder, o mesmo governo e o mesmo Clemenceau. A riqueza do país facilita em França, naturalmente, a solução do problema. Compreendo-se que neste país haja um sábio comunista, como Carlos Gide, que vê a solução do problema social no cooperativismo.

O terrível será se chega o inverno com o seu grito de guerra na Europa: acabou-se o carvão! A produção de todos os países carboníferos do continente está em baixo. Esse bom *master* Hower, o americano dos abastecimentos, profetiza em cada dois meses, a catástrofe. A indústria vai ficar sem pão e os homens sem fogo. Os alemães não podem e não querem dar aos franceses o carvão que deviam produzir as minas de França, inutilizadas pelos estados maiores militares, tão estupidos, da Alemanha. O inverno aproxima-se e não deverão faltar voluntários para ir buscar carvão à Alemanha ou ao inferno.

Pode sair do seu jardim de Espicuro, Anatole France, e durante a guerra, o mesmo passo que, durante a guerra, o nacionalista sr. Barthou, pode sair à sua vontade, satisfazendo o público com o anúncio da Internacional dos sentimentos. Este inverno, na Europa, mais que nunca, o homem vai ser um lobo para o homem.

Assim parece actualmente: lobo e burro, essas duas bestas que juntas fazem, em compendio, a história natural do homem: a luta pela vida.

Paris e Agosto.

Corpus BRAGA

EM ESPANHA

Aparece o cadáver de um português

SALAMANCA, 25.—Em Dehesa, no final de Banabares, foi encontrado um cadáver que se julga ser do português Francisco Chaves, assassinado há um mês por um compatriota, quando regressavam das ceifas. O corpo apresentava vestígios de bala.

COLUMA ESPERANTISTA

Lisboa Verda Steio.—Tendo sido avistado o número de officios de sindicatos nomeados delegados aos cursos de Esperanto, resolveu a comissão executiva manter um curso especial para militantes, sendo estes convidados a comparecer depois de amanhã, pelas 21 horas, na sede desta sociedade, Travessa da Agua de Flor, 55, 1.º.

Em breves dias serão nomeados delegados da Federação Esperantista Operária.

Bairros Sociais

Regressa hoje a Lisboa o ministro do Trabalho que foi ao Porto escolher terreno para a construção do bairro social daquela cidade.

O regulamento dos bairros sociais será publicado, ao que parece na presente semana, devendo as construções entrar em seguida num período de grande actividade.

Teatro São Luiz

HOJE E TODAS AS NOITES

O PÉ DE MEIA

O mais retumbante êxito teatral!

Enchentes colossais

RIR—RIR—RIR

Após a revolução

VIII

O infeliz rural (infeliz, sim, pèrdidos bandidos que lhe aproveitais o suor, insultando-o com o epíteto negro de vadios), nesta sociedade parasitária e mandrônica; vai para o trabalho em péssimas condições. Se faz frio, trinta, porque não tem agasalhos. Negro crime! Ele que guarda as ovelhas, que as pastas, que lhes recolhe a lá, que a lava, que a enxuga, que a crameia, morre de frio! Os outros, os indolentes, os patões (com algumas excepções, honras por serem poucos) os ociosos, vivem esplendidamente agasalhados! Crimes dos crimes! Infâmia das infâmias! E há ainda fies patifes que pretendem demonstrar a inopertunidade duma revolução sublime que ponha as coisas no seu lugar!

Se ao contrário, se faz calor, abraza, asfixia. Ao parasita nada faltará: terá o banho diário, higiénico e refrigerador, fresco e agradável; terá fates leves, de tecidos abertos, permitindo a entrada abundante do ar; terá bebidas frescas e de paladar esquisito, como limonadas, cervejas, sorvetes e tudo mais que a industria da especialidade desceendente, terá em casa, em sala própria, abastada, meia dúzia ou mais de ventoinhas electricas, produzindo artificialmente um vento útil, necessário; em duas palavras: terá tudo. Tudo, não fazendo nada... O rural, se o dia nasce abradador, tem de seguir para o campo da escravidão, envergando um fato grosso que a miséria lhe não permitiu substituir; caminhará a pé ou em cima dum carro inventado há 10 séculos, sem confortos de espécie nenhuma; terá engolido uma sôpa de pão feito de trigo e de terra, mal adubadas, por que o diabo não chega para o *luxo* de mais uma colher de azeite.

No campo, se é de inverno, será fustigado por uma espécie de vento maligno, cortante, brutal, que lhe abrirá gretas nas carnes; terá de sofrer por vezes o impeto violento de chuvas torrenciaes, esmagadoras, que, caindo sobre carnes onde a doença espregita, provocará a doença imediatamente; terá ribeiras a passar e por vezes ficará morto na travessia, agarrado a um lençol de ouro do coração apunhalado pela saudade dos filhos que, à mesma hora, monologarão em casa junto da mãe, tal qual pobres pintalhões em redor da galinha: «Mãe, quando chega o nosso pai?»

Revolta sagrada a nossa! Sublime, imponente, altíssima, a nossa indispensável revolução! Oh! cobardes que não sabeis lutar! Oh! impias criaturas que não sabeis ou não quereis impedir este crime monstruoso! Oh! feras sem alma e sem coração, que sois pacíficos por medo, que sois sosegados por cobardia, que sois pessoas de *ordem* por egoismo! Não! Vós não podeis impedir, e não impedireis de forma nenhuma, que o mundo brilhe um sol fecundo, acariciando todos os seres. Oh! Não, cobardes! Fugi da nossa passagem, que não queremos subverter-nos! O que queremos é passar... O que queremos é levar Luz a todas as Almas, a luz bendita da Verdade, que há de aniquilar a tirania, a Luz harmonica da Justiça, que há de banir os monstros! Não, não queirais opor-vos! Tirai-vos do caminho, gente indigna e impura! Deixai-nos passar, que queremos ir depressa em socorro dos 2 mil milhões de seres humanos que agonizam na Terra, vítimas da pilhagem organizada pelos pais e pelos capitalistas!

Terminou a tempestade... Volta a bonança. Continuemos: De modo que o rural será o estelo da revolução. Pode viver-se sem mais um vestido, sem mais umas calças, sem mais uns sapatos, sem mais um livro, sem mais uma estante, sem mais uma terna, sem mais um banco, sem mais uma cadeira, sem mais um auto; o que se não pode viver é sem pão... Disse Danton: «Depois do pão a educação». Assim é, de facto. A educação é necessária; mas o pão é indispensável. As duas coisas unidas, o pão e a educação, são a vida completa. Mas se pode viver, é certo que com pão se não morre. Assim... assim a revolução dignificará o rural e o rural dignificará a revolução. Oh! Como se é digno um do outro!

Com o estômago agasalhado, com o espírito tranquilo, com a alma socegada, com o cérebro são, com o físico normal, com terra boa e abundante, com máquinas perfeitas, deixará o rural de produzir? Só os irrefletidos responderão que sim.

Gonçalves CORREA

No tribunal de Santa Clara

O sr. Azevedo Coutinho que há pouco tempo foi julgado no tribunal militar de Santa Clara, tendo o juiz dado a sentença como iníqua, voltou ontem a responder. A audiência abriu às 11,30, precisamente à hora do primeiro julgamento. O reu faz novo depoimento, assim como as testemunhas, recordando algumas os serviços prestados por Azevedo Coutinho ao país. A's 15 e um quarto o juri recolheu para deliberar, voltando à sala às 16 horas, lendo o juiz a seguinte sentença:

«O ministério público acusa o reu João Antonio de Azevedo Coutinho Frago Sequeira, casado, de Alter do Chão, de ter tentado estabelecer pelas armas a forma de governo monárquico em Portugal, facto que teve lugar na serra de Monsanto nos dias 23 e 24 de Janeiro do corrente anno. O reu defende-se com o que consta da sua alegação escrita. Discutida a causa e propostos os quesitos ao juri, este como não prova, por unanimidade o aludido crime, pelo que absolvo o reu, que deve ser desde já restituído ao gêro de todos os seus direitos.»

O sr. Azevedo Coutinho foi muito cumprimentado pelos seus Amigos. O promotor de justiça, coronel Alves Pedrosa recorreu da sentença.

A BATALHA

A GREVE FERROVIARIA

A classe ferroviária continua lutando energicamente, eficazmente e secundada :: pelo proletariado consciente ::

Segundo nos comunica o Sindicato Ferroviário, realisa-se amanhã o funeral do camarada ferroviário Armando Rodrigues, que diz ter sido vítima do vagon fantasma. Não nos admira o caso. Era de esperar que alguns dos camaradas violentamente metidos num vagon descoberto, sofrendo durante muitas horas os ardores do sol, não tivesse ainda sido vítima do despoitismo do sr. Sá Cardoso, cujas mãos estão agora avermelhadas pelo sangue da sua primeira vítima. Se o presidente do ministério tem coração, deve agora sentir remorsos. Foi em consequência das suas violências e da sua intransigência que esse operário morreu. Bom seria que os trabalhadores, que estiveram largamente representados no funeral vilino do desastre do Bairro Social, acorressem, também, em largo número, ao despoitismo vilino de um governo democrático que persegue a classe operária com um furor digno dos políticos mais reaccionários.

Nota officiosa do Comité Central

Lutar até que sejam satisfeitas as nossas reclamações é o dever de todos os ferroviários conscientes e dignos. O facto de alguns jornais noticiarem que se apresentou algum pessoal de trens, condutores e guarda-freios, não é motivo para desânimo, porque o número é pequeno e além disso nenhum serviço vão prestar, visto que enquanto estiver unido o pessoal de máquinas e oficinas, já mais se normalizará o serviço de forma a satisfazer as mínimas exigências do país. Todos nós sabemos as dificuldades que existiam antes da greve. Para assegurar o serviço, isto é, já não haviam máquinas nem material e lutava-se com falta de pessoal, deixando-se, quasi que diariamente, de efectuar comboios por falta de máquinas.

Quando todo o pessoal retomou o serviço, encontraram mil dificuldades, em vista de se acharem avariadas quasi todas as máquinas e todos os serviços completamente desorganizados e num verdadeiro caos, dificuldades que só pôde fazer desaparecer com a sua grande pratica e boa vontade, como tem demonstrado nas situações criticas em que a Companhia se tem encontrado, como por exemplo na ocasião de revoluções e inundações, assim como noutras anormalidades consequentes de muito serviço.

Coragem, pois, que a vitória é nossa. Se a imprensa que agora se começa a manifestar para que o conflito se resolva, tivesse de principio usado da imparcialidade que por honra deveria usar, teria evitado ao país os grandes sacrificios e transtornos que tem estado sujeito, pois nem a Companhia nem o governo teriam entrado no bico sem saída em que entraram. Mas essa imprensa só sabe dizer a verdade quando a desgraça entra na habitação do humilde trabalhador, ou quando a necessidade obriga algum desgraçado a lançar mão dum pão sem autorização do proprietário.

No nosso caso, fantasiou serviços normalizados, ludibriando o público para o levar a pôr-se ao lado do governo e portanto contra nós; mas como os prejuizos cada vez avultam mais, as queixas começam a aparecer.

Examinem no *Diário de Notícias* de ontem, 25, a correspondência de Consistência e por ela verão como o serviço está normalizado.

O jornal a *Capital* que tem sido um dos jornais que procurava também por todos os meios ludibriar o público, parece que reconheceu a ingratidão da sua posição e já resolveu mudar de orientação, como se pode ver pela nota do dia 23 e do seu silêncio de anteontem.

Sobre o roubo de Alcântara-Terra, já se officiou à direcção da C. P., a qual, se quizer, mandará buscar as calças que estão no nosso Sindicato.

Não completamos hoje o assunto porque ainda não temos o resto dos informes que nos faltam devido à distancia a que nos encontramos.

Que dirão os passageiros do comboio que saiu de Lisboa com destino a Valência, que tiveram de pernhoitar em Pezo? Tendo saído da capital em 22 às 8 e tal hora, em 23 ainda vagueavam como perdidos por esse tristonho ramal de Cáceres aos baldios do serviço normalizado, esperando socorro do entroncamento, que pelo visto não tinha com que os socorrer, porque as máquinas estão no *hospital*.

Como tudo sofre por causa de um governo e uma companhia que são tão férteis em caprichos temos a certeza de que não poderão aguentar-se por mais tempo.

Mais duas máquinas foram para as oficinas, uma no Entroncamento, a 355, e outra em Alfairoles, a 65; soma e segue...

Os amarelos tem sempre desculpa para se defenderem, é o caso do chefe de Queluz. A'écra disso havemos de falar.

Avante e coragem. Viva a greve!

O Comité Central

Sindicato Ferroviário

Convida-se todo o pessoal de máquinas a comparecer hoje, pelas 11 horas, na sede do sindicato.

Realiza-se hoje, pelas 14 horas uma assembleia magna na Caixa Económica Operária, rua da Infância, à Graça.

Ao comércio

A direcção da Cooperativa dos ferroviários do Entroncamento, pede-nos a publicação do seguinte:

Tendo o comando militar do Entroncamento, encerrado a cooperativ: de Crédito e Consumo dos Ferroviários e A'drentes, nesta localidade, prevenimos os nossos estimáveis fornecedores e credores que não aceitemos transacções ou saques de espécie alguma até aviso prévio.—A Direcção.

Funeral duma vítima da greve

Realiza-se hoje o funeral do camarada Armando Rodrigues, uma das vítimas do vagon fantasma, de que lhe resultou a morte. O préstito fúnebre sairá do hospital do Rego, pelas 10 horas, pedindo o Sindicato Ferroviário a comparência de todo o pessoal Ferroviário.

Manifesto

A' classe ferroviária foi há dias distribuído o seguinte manifesto:

«Aos ferroviários em luta e aos que estão ao serviço—Lutadores: Mais uma vez desteis a prova de que sois fortes! Com todas as misérias, com todas as tiranias dos mandões burgueses que querem a nossa morte, a morte de nossos filhos, sabemos lutar! Mendigaremos se preciso for, mas vale mais isso, que o oprobrio! Os nossos verdugos, governo e companhia, querem a todo o tranque, custe o custar, sacrar a sede de vingança com o nosso sangue! Não o consentiremos!»

Para a frente, irmãos! Não vos curvemos porque tendes razão, assim como evitáveis o filtro por onde a Companhia quer que todos passem afim de fazer a purificação segundo ela diz.

Pobre terra, infeliz Portugal...

Os que te querem governar não sabem e os que pedem mais pão azorram-se.

Ponderem bem as infâmias de que temos sido vítimas! Avante!!!

E a vós camaradas ao serviço:

Vinde para nós, abandonai decisivamente esse trabalho que avilta e empobrece, lembrai-vos de que a vossa rectidão há filhinhos dos vossos camaradas que ainda lutam e lutarão!

Não tenhais medo, porque com o vosso auxilio a nossa causa tornar-se-á mais curta e a greve acabará mais depressa.

Abandonai o serviço 2.º feia e teréis praticado uma das melhores acções. Não tendes coração?

Não sentis como nós a vontade de serdes livres e menos escravizados?

Deveis sentir. Não vos iludis com o cintico macabro dos governantes! Junta-vos a nós, que as nossas famílias, vos abençoarão!

Pela nossa e vossa honra, fugi!!!

Viva a greve! Vivam os ferroviários!

—O Comité Central.

A's classes operárias

Os potentados, que se julgam uma super-homens desta infeliz terra, tem demonstrado bem claramente não desejarem solucionar a greve ferroviária, esperando que a classe se renda por falta de recursos.

Mas, enquanto, a grande família proletária enviar o seu oiro alemão em auxilio da Cosinha Comunista, a fim de manter as camaradas mais necessitadas, tal não acontecerá, continuando assim a luta até que a vitória seja um facto.

Por isso, camaradas, continuai, respondendo aos nossos apelos, com o vosso valioso auxilio, a fim desses despotas reconhecerem duma vez para sempre que nenhuma classe operária, se rende à fome em virtude da grande solidariedade existente no meio proletário.—A Comissão da Cosinha Comunista.

Todos os dias recebem-se quaisquer donativos, no Sindicato ferroviário das 8 horas até às 24.

NO PALCO PARLAMENTAR

Legislando para os outros

DISCURSOS, LARACHAS & VOTAÇÕES

MENÚ: — Batatas e feijão para o guano enquanto ao povo custam os olhos da cara — O excesso de velocidade dos automóveis do Estado e mais uma «dêle»

DEPUTADOS

Com o número de deputados de que o quorum exige abriu a sessão às 15,15 sob a presidência do sr. Domingos Pereira.

O sr. Jorge Nunes chama a atenção do ministro das finanças para a falta de cumprimento do contracto por parte da Companhia dos Tabacos. Afirma não largar de mão o assunto prometendo trazer um projecto de lei à câmara se o governo não proceder com a energia que se necessita.

O ministro das finanças responde que, por um trabalho a que procedeu, o rendimento do imposto de importação dos tabacos apenas compensa a Companhia do deficit proveniente da sua reduzida fabricacão actual. Alude ao varejo que ordenou e promete outras providências.

O sr. Pereira insurge-se contra a forma como estão funcionando os tribunais militares, repetindo-se as tristes scenas do célebre tribunal das Trinas, que devem estar na memoria de todos. Os incrementados ou são absolvidos ou condenados em penas irrisórias. Mas há mais, diz o orador, recentemente, em pleno tribunal, o prestigio da República foi enovilhado, pois houve o arrojo de se afirmar que quem devia estar no banco dos reus era o governo.

E contra isto o presidente do tribunal não protestou! E sabem porque? E porque esse general, no seus tempos de estudante, foi subsidiado pela casa real.

Se o governo não providencia, o povo fará justiça por suas mãos. Conspirando-se em todo o país, como de todos é conhecido, já se fala em amnistia.

Uma única amnistia que há a conceder é fazer os julgados de novo, para serem conhecidos, como é de justiça.

O ministro da guerra responde que as irregularidades derivaram da forma como foram elaborados os processos.

O sr. Vasco Vasconcelos refere-se ao excesso de velocidade dos automóveis do Estado, dizendo que em nenhum país do mundo há tão pouco respeito pela vida do semelhante como no nosso, sobretudo em Lisboa.

O sr. presidente:—E' pro rogação.

O sr. Pais Roviscor:—Mas quem a requer?

O sr. presidente:—Não fui eu quem

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico dos Metalurgicos.—Caixa de Solidariedade.—Na reunião de ontem apreciou o movimento das camaradas soldadores de Almada, que se encontram em greve resolvendo pedir a todos os metalurgicos para continuarem dentro das oficinas abrindo quetes para os mesmos, assim como a requisitar as respectivas listas, que se encontram na sede.

Avismos—se todos os camaradas que as reuniões da caixa passam a ser as segundas, quartas e sextas feiras, prestando-se em qualquer destes dias os esclarecimentos que qualquer camarada desejar.

Estofadore e Decoradores.—Para apresentação de contas e eleição de delegados ao Congresso de Coimbra, reuniu a assembleia geral, que nomeou delegados o camarada José Luis de Costa Neves. Foi aprovado um voto de sentimento pelo falecimento do camarada António Augusto Ribeiro. Deliberou-se protestar contra as perseguições, feitas pelo governo à classe operária, em especial aos ferroviários, e aos jornais *Batalha* e *Avante!*

Por fim elegeu-se uma comissão revisora de contas.

Caixeiros.—Esta colectividade faz público que o periodo de tolerancia demasiada para com os senhores comerciantes desrespeitadores das leis do descanso semanal e horário de trabalho terminou. O encarregado da fiscalização desta associação vai encetar uma rigorosa fiscalização por toda a área de Lisboa e enviara para juizo todos os transgressores.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.

Afim de tratar de caso urgente é avisada a comissão permanente de que deve estar pelas 14 horas na sede federal.

A comissão administrativa desta Federação reúne hoje, pelas 21 horas, para apreciar um officio dimanado do ministério da guerra sobre dois operários presos e agredidos durante a situação sidonista, assim como um outro da Associação dos Compositores Tipográficos.

Conselho técnico.—Pelas 26 horas, reúne hoje para tratar de assuntos de interesse para a organização.

Marceneiros.—Reúnem hoje, pelas 20 e meia horas, em 2.º convocação, os corpos gerentes para o que pedem a todos os camaradas que não faltem, posto que a reunião se efectua com qualquer número.

Vidreiros da Amora.—Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral para apreciar o resultado dos trabalhos da comissão incumbida de tratar com o ministério do trabalho acerca da importação de alguns vidreiros espanhóis para a fabrica de garrafas do Porto.

Canteiros e polidores de mármore.—A assembleia geral reúne hoje, pelas 20 horas, para deliberarem sobre a criação e regulamentação do cofre de solidariedade e bolsas de trabalho. Os sócios devem vir munidos das suas cadernetas para poderem ter voto deliberativo.

Operários das Companhias Reunidas Gás e Electricidade.—Previnem-se todos os sócios que reúne hoje a assembleia geral, pelas 20 e meia horas, na sede da Associação dos Latociros, travessa do Oleiro, 15, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º—Leitura e discussão do relatório da comissão de fiscalização.

2.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

3.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

4.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

5.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

6.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

7.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

8.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

9.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

10.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

11.º—Discussão e votação do projecto de lei sobre a velocidade dos automóveis do Estado.

Jornal do Público

Protestos e reclamações

Uma selvajaria

Informam-nos do seguinte revoltante caso:

Um alferes da guarda republicana, que faz serviço no quartel de Campolide, passando à desfilada na rua Almeida Barroso, ao Matadouro, pelas 11 horas da manhã do dia 23 do corrente, acabou um pobre cão, que não pôde pelo gesto do referido oficial, mas ainda por virtude do estrepido do cavalo, começou correndo atrás da montada.

Então, o citado alferes puxando de uma pistola, atirou sobre o animal, perfurando-lhe a espinha na altura dos rins, do que lhe resultou a morte. Depois de consumado este acto de selvajaria, e em face da indignação manifestada por quantos assistiram a cena, o alferes poz-se em fuga desordenada, sempre empunhando a pistola e seguido pela ordenança que o acompanhava.

Este oficial ao que nos informam reside na rua Cidade da Horta, n.º 58, último andar.

Ao sr. comandante geral da guarda republicana recomendamos este caso, certos de que s. ex.ª providenciará como é de justiça.

Cercando uma rapalha

Esteve nesta redacção o camarada Carlos Marques de Oliveira, que veio reforçar o que há dias sob esta epígrafe dissemos. Também este camarada foi operário da firma Braz, Henrique & C.ª, Limitada, donde se despediu exactamente porque sobre ele era exercida uma descarregável exploração.

Um descarregado de alfaiataria violento

Estiveram nesta casa, queixando-se contra o encarregado da alfaiataria Rodrigues & Branco, sito no largo Luís de Castilhos, por cima do café Martinho, as costureiras de alfaiate Carmina Jasmim Piedade, ex-secretária da Associação dos Alfaiates e Albertina Simões, as quais foram despedidas por esse encarregado, de nome José Esteves Ferreira, por não quererem fazer serão no sábado último, por a sua vida particular não o permitir. Dizem-nos que esse indivíduo é useiro e vezeiro em insultar os seus subordinados que leem este jornal, chegando o desatino ao ponto de lhes tirar os exemplares que possuem, levando-os para a retrete, chamando a tudo e todos bokevistas.

Convém frisar o facto de um dos patrões dizer-se socialista, consentindo, no entanto, que o seu empregado esteja sempre a insultar as pobres criaturas que lhe estão subordinadas.

A oficina é das tais que, quere de dia quere de noite, são iluminadas a luz artificial, sendo as horas dos serões pagas pelo preço das horas ordinárias.

A Associação dos Alfaiates recomendamos o sr. José Esteves Ferreira, para que o obrigue a mudar de atitude.

Tribunal dos desastres no trabalho

Realizou-se ontem, pelas 10 horas, a eleição dos vogais para o Tribunal dos desastres no trabalho, a qual deu o seguinte resultado:

Vogais operários: António Bento Sousa, António Dias Tavares, Joaquim Francisco dos Santos, Manuel Figueiredo, José Lopes, Guilherme Francisco Horta, Vitor Castro Reis Araújo, eleitos por 11 votos.

Vogais patrões: Vitor Marat de Avila Peres, Domingos Almeida Centeno, José Luis Júnior, João Caetano Lopes, José Nunes dos Santos, António da Costa Ribeiro, Francisco Pedro, Abílio Valente Salen, eleitos por 3 votos.

Vogais da Companhia de Seguros: dr. Manuel Casal Ribeiro Carvalho, António Joaquim de Azevedo, Manuel Rui Santos Antunes e dr. Moreira de Carvalho.

Pede-se a todos os vogais eleitos que quando forem convidados a tomar posse, venham munidos das suas fotografias para os cartões de identidade.

Tentativa de suicídio

Na enfermaria 4 (Santo António) do hospital de S. José, deu entrada o ex-gerente de infantaria 12, José Manuel Serpa Viana, residente na rua de Santo Amaro, 72, que tentou suicidar-se, dando um tiro no peito.

Por causa de um par de botas

Envolvem-se em desordem os habitantes de Palmela, intervindo a força militar

Há tempos que para a vila de Palmela, concelho de Setúbal foi residir um trabalhador rural de nome José Guerra, rapaz forte e destemido, capaz de fazer frente a uma dúzia de homens, sendo por este facto pouco estimado entre os habitantes da terra. No mês passado, encomendou a Guerra a um sapateiro da vila de Palmela, um par de botas, e este, depois de determinado tempo, a qual depois do trabalho feito nunca satisfez e todas as vezes que o sapateiro lhe mandava alguém receber o seu dinheiro, essas criaturas viam-se sempre obrigadas a retirar-se, para não serem desfeitas pelas palavras.

Ontem encontraram-se ambos na estrada, vindo a discussão a questão das botas, acabando por se envolverem os dois em desordem da qual saiu vencedor o Hermínio que, acto contínuo, para se vingar, veio fazer alarido junto dos seus conterrâneos. Cada um se armou do seu varapau e foi em procura da Guerra, na intenção de o liquidar. Um Ribeiro que tinha sido prevenido do que ia suceder e que para evitar o conflito, tentou baldadamente dissuadi-los do seu propósito. Então esta autoridade em si da atitude dos amotinados telegrafou imediatamente para Setúbal, requisitando uma força de polícia, a qual ao chegar a Palmela, foi hostilizada pelos combatentes, tendo de fazer fogo para os conter em respeito.

No tiroio ficaram feridos o regedor que recebeu curativo na farmácia da localidade, recolhendo depois a casa, e Augusto Vitorino, de 21 anos, filho de José Gabriela Justino e de Gertrudes Guilhermina, trabalhador, solteiro, residente em Palmela que ficou ferido no hombro esquerdo pelo que foi conduzido no auto da Cruz Vermelha ao Hospital de S. José e ali radiografado, recolhendo a casa, depois de convenientemente pensado.

Por vender a "Acção"

Foi antecem posto em liberdade Edmundo José da Cruz, vendedor de jornais, preso por a dar a vender a "Acção".

Choque eléctrico

No Banco do Hospital de S. José foi fraco Anacleto de Oliveira, de 37 anos, trabalhador, residente na rua da Esperança, 22, Convento dos Bernardos, 21, que quando num carro eléctrico que do Caminho de Ferro seguia para o Conde Barão foi atingido por um violento choque eléctrico.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Suicidou-se antecem a operária Julia Ramos Graça, manuseadora de tabaco, filha de camareira Justina Maria Graça, operário marceniro que goza de gerais simpatias na classe.

As causas desta triste acontecimento ignoram-se. O cadáver encontra-se na Morgue, para ser autopsiado, realizando-se o seu funeral ainda esta semana, em dia que será oportunamente anunciado.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os funerais das seguintes pessoas:

D. Emilia do Nascimento, às 13 horas, do hospital de S. José; D. Ludovina da Conceição Rodrigues, às 10, do hospital de S. José; D. Guilhermina Custódia Pinto Infante, às 9, da Praça Rio de Janeiro, 3; D. Pedro Arco, às 10, da rua da Moura, 287, 5.ª; e dos srs. Manuel Pinheiro Pereira, da rua da Indústria, 36, 1.ª; João Gonçalves, às 15; Armando Rodrigues, às 10 e Boaventura José Nogueira, às 10, todos do hospital de S. José.

Realizam-se hoje o funeral de António dos Santos, assassinado na tarde de 22 do corrente. O préstito funebre sai às 18 horas da Morgue, dirigindo-se para o cemitério da Ajuda.

OBITUARIO

Cadáveres inhumados no dia 22 do corrente:

Alto de S. João: Aurora Ferreira, 9 a.; Maria do Carmo Melo, 78 a.; António Fernando da Silva J. Utande, 13 m.; Um feto do sexo feminino.

Cadáveres sepultados no dia 23 do corrente:

Bemfica: Feto; Maria da Conceição Duque, 83 a. Dia 24: Paulo Maria Matote, 7 m.; João da Glória Freitas, 5 a.; Luiza Maria, 53 a.; Fausta da Ferreira, 6 m.

Na morgue

Deu ali entrada o cadáver de Raúl César Augusto de Carvalho, comerciante, residente em Queluz, que na rua Augusta foi acometido de morte súbita.

Foi reconhecido o cadáver daquela mulher que se suicidou precipitando-se de um muro na calçada do Monte, Chumate, para a rua da Graça, 19 anos, operária da Fábrica de Tabacos e residia na rua Damascon Monteiro, 66, 1.ª.

Automóvel desastrado

Mais uma vez o automóvel do dr. S. Decio Ferreira, teve um desastre. Ao descer ontem o Chado, querendo desviar-se dum outro que subia, entrou pelo passeio de frente da igreja dos Mártires, tendo um desastre. Não pôde sair dali sem vir um automóvel de socorro.

Desta vez, felizmente, não houve vítimas.

MOVIMENTO MARITIMO

Entradas em 25

Vapor belga "Irene Pey", de Cardiff; vapor dinamarquês "Beira", de Genova e Marselha; vapor francês "Harcourt", para S.ª; vapor espanhol "Jara Uravain", de Santander; "Carboreto C", vapor holandês "Poortliet", de Newport; "Carvão C. Burgh", vapor holandês "Agememon", de Buenos Ayres.

Saídas

Vapor holandês "Mode", para Amsterdã; vapor espanhol "Gloria", para Bilbao; vapor inglês "Zeeland", para Genova; vapor inglês "Selver", para Vilagiana.

O TEMPO

Temperatura do ar em 25.—Lisboa, 25.4; Porto, 26.4; Coimbra, 18.1; Madrid, 20.0. Vento.—Lisboa, N; Porto, S; Coimbra, NNW; Madrid, N.

Tempo previsto hoje.—Vento fraco ou moderado entre NE e NW. Céu limpo ou de algumas nuvens.

TEATROS & CINEMAS

Recêlames

É hoje que se realiza no Ginásio a sensacional recêlame dada em homenagem à illustre artista Lucinda Simões. Representa-se a deliciosa comédia "Sonho de uma noite de verão" de Shakespeare, na qual a protagonista é a gentilíssima atriz Amélia Rey Colaço. Haverá um entre-acto em que esta artista declinará os seus agradecimentos ao público de cá e de fora, e dará uma noite de gala, discipula de Lucinda Simões, Julieta Simões, Rubens Monteiro, Teodoro dos Santos e Samuel Luiz, dando a ver a sua valia e a sua arte. A recêlame é de grande importância e elegante a festa desta noite neste elegantíssimo teatro.

São Luís vai ser do mais caloroso entusiasmo; é a 5.ª representação da festividade recêlame do autor, o illustre escritor Eduardo Schevalbach. É grande o interesse em assistir a esta recêlame, estando já muitos camaradas marcados.

—Ainda não aposte que a revista "Lebre Corrida", em scena no Apolo, é capaz e embora reforçada de números novos, de entrar pelo inverno dentro. O sucesso realmente é absoluto.

—O Coliseu dos Recreios tem agora três números magistrais, dos que marcam e ficam valendo por muito tempo. O Trio Lira é colossel e incomparavel: O Rouxinol Humano, Cav. Fabra é um sucesso e os Cães comediantes, um grande número de atracção.

—O centro predilecto da reunião das pessoas em evidência continua sendo o Eden, onde hoje, em recêlame da moda, se representam, nas duas sessões, o quadro novo "Greve Geral", que ampliou a revista "Aqui d'El-Rei".

—É devida ao pincele de Eduardo Reis, Filho, a scena do quadro novo "Greve Geral", que subirá a scena na próxima quinta feira em recêlame dos autores da revista "Aqui d'El-Rei".

A peça "A Guerra" continua sendo a grande atracção teatral da actualidade.

A 5.ª e 6.ª tem affluencia na Avenida, centenas de pessoas que saem de lá maravilhadas com a verosimilhança do "canhão modelo", manobrando em scena, e com as interessantes scenas da peça.

A "Paz Armada" virgou na Trindade como poucas vezes se tem feito, e a primeira noite os aplausos foram estrondosos nas representações seguintes se repetiram, visto ella ter tido quando é necessário para triunfar, graça, e uma bella musica, optimo desempenho, guarda-roupa luxuosa, mimo e scenário admiravel.

—Está nas suas ultimas representações no Politheum, a opereta "Mulher Ingrata", cujos êxitos temos vindo assinalando. E a empresa de scena pela necessidade que tem a empresa de formar repertório.

CARTAZ DO DIA

SÃO LUÍS—A's 21.30—"O Pé de Meia", "GRINHA", a opereta de "Sonho de uma noite de Agosto", comédia.

TRINDADE—A's 21.15—"Paz Armada", revista.

AVENIDA—A's 21.30—"A Guerra", revista.

POLITHEUM—A's 21.15—"Mulher Ingrata", opereta.

APÓLO—A's 21.30—"Lebre Corrida", comédia.

EDEN—2 sessões, ás 20.45 e 22.45, com o quadro novo "Greve Geral", ampliando a revista "Aqui d'El-Rei".

COLISEU DOS RECREIOS—Animado, grafo e variedades.

SALAO FOZ—A's 20.30.—As danças nas francesas Timandra e Dorely, Loli Montes, Hermanos Elias e Emilia impário.

OLIMPIA—Animadíssimo e concertos.

CINEMA CONDES—Animadíssimo e co. certo.

CHADO TERRASSE—Animadíssimo e co. certo.

SALAO DA TRINDADE—Variedades e animadíssimo.

SALAO IDEAL—Animadíssimo.—A's 21.30.

CANTECLER—Animadíssimo, duas taia das.

SALAO DOS ANJOS—A's quintas-feiras, sábados e domingos, animadíssimo.

TEATRO RECREIOS DA GRAÇA.—A's 21.30—Hoje, ás 21.30, a opereta em 2 actos a "Viagem Alegre, em Cascais o um deslumbrante acto de variedades.

A BATALHA

Quilo \$80, EM PACOTES DE 125 E 250 GRAMAS

— PERFUMARIAS — "MIENNEN'S," — AMERICANAS —

Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores.

Rua Augusta, 70, 2.ª — Telef. C. 1196

Nova lei de responsabilidade civil

(Decreto com força de lei de 10 de Maio) de 1919

Todos os proprietários de carroças, trens, bicicletas, motocicletas, automóveis, ascensores, guindastes, etc., etc., tem hoje absoluta necessidade de segurarem contra o risco de Responsabilidade civil.

Pedir o exemplar da nova lei e postas a A MUNDIAL que estabeleceu prémios de competência e propaganda. Condições especiais para as empresas de transportes de passageiros e mercadorias.

Sede em Lisboa: R. Garrett, 95. Te. 4094

Delegação no Porto: R. Sá da Bandeira, 331, 1.ª

A MUNDIAL

Capital: 500.000\$000—Reservas: 403.428\$76

OURO!!!

Mais barato e não se paga feito — Só milagre!!!

OURO

Comprem na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga.

Ha sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feitiço.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12 Junto à Casa das Galoias

TELEFONE 3676

Atenção

The Printing Machinery Company, Limited, proprietária das patentes de invenção: n.º 5166, para "Aperfeiçoamentos em aparelhos movidos manualmente para a fundição de estereótipos curvos", concedida a 12 de Fevereiro de 1906; n.º 5356, para "Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de estereótipos curvos", concedida a 2 de Julho de 1906; n.º 5461, para "Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de estereótipos curvos", concedida a 12 de Setembro de 1906; n.º 5761, para "Aperfeiçoamentos em machinas de acabar e arrefecer objectos por acabar, especialmente estereótipos curvos por acabar concedida a 15 de Junho de 1907; n.º 5791, para "Aperfeiçoamentos em machinas de sucessivamente acabar, arrefecer e enxugar objectos ainda por acabar e também nos mesmos objectos", concedida a 3 de Julho de 1907; n.º 6918, para "Aperfeiçoamentos em aparelhos para a fundição de chapas estereotípicas para impressões", concedida a 1 de Dezembro de 1909 e n.º 6931, para "Um método aperfeiçoado para o arrefecimento de estereótipos curvos e os aperfeiçoamentos nos aparelhos que os acabam, arrefecem e enxugam que o mesmo método exige", concedida a 8 de Janeiro de 1910, com uma adição, desenhando que os seus inventos sejam o mais possível aproveitados no país, de clara que se prontifica a conceder licenças para o gozo parcial dos privilégios ou mesmo a vender as Patentes. Correspondência a Arthur H. Walker, 188, Fleet Street, London.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sífilis e de todas as doenças que derivam da impropriedade do sangue. Confinam as pessoas a serem curadas. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Preço, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21, rez-de-chão, direito, à Estrela.

Jesus na Guerra

O mártir de Golgotha volta à terra, a observar os frutos produzidos pela sua propaganda revolucionária. Encontra a guerra, o massacre, a pilhagem, a violência. E de novo recomeça predicando a fraternidade, o desinteresse. Os homens de agora, tão bons como os de outrora, não o compreendem. E Jesus morre, uma segunda vez, no apostolado do sublime que o impulsiona. Tal é o motivo da fantasia de Adrian del Valle, fantasia concebida em intuitos de evangelização revolucionária e emancipadora.

Jesus na Guerra

tem páginas de extraordinária emotividade. E os ensinamentos que esta bela obra ministra, por uma forma romântica e amena, são absolutamente dignos de apreço.

Um elegante volume, artisticamente aguçado na capa, claramente impresso, bom papel.

PREÇO \$50 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

RAZÃO

que se apresenta modestamente tem contudo um real valor.

Um folheto impresso em magnífico papel.

PREÇO \$05 centavos (50 réis)

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª

Calçado Barato

Só vende o

CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do hafariz)

Todos devem ler

Minha Defesa

por Jorge Etiévant

Auto-defesa do autor no tribunal, é uma das melhores obras de propaganda social revolucionária.

Pedidos desde já a administração de A Sementeira, Cais do Sodré, 88, ou na administração deste jornal.

Cada exemplar, 5 centavos.

Trabalhadores lide e propague

CASA DE FERRO VELHO

Preferir sempre esta casa

Estrada de Sacavem, 84 (Arroios)

"A Batalha"

(Hino revolucionário)

Música do maestro Tomás do Negro e letra do poeta operário João Black

Um lindo folheto com capa artística, 10 centavos.

A' venda na administração de A Batalha.

TRABALHADORES:

Lêdo A Aurora

Quinzenário de propaganda libertária

Redacção e administração RUA DO SOL, 131 PORTO—PORTUGAL

A' venda nos quiosques, tabacarias e na administração de A Batalha.

Em tempo de eleições, por E. Malatesta Preço 2 centavos

Leiam todos—Um folheto de boa propaganda.

"A BATALHA,"

DIÁRIO OPERÁRIO DA MANHÃ

Redacção e administração CALÇADA DO COMBRO, 38-A-2.ª LISBOA—PORTUGAL

Endergo telegráfico — Talhava — LISBOA

ASSINATURAS

Pagamento rigorosamente adiantado

Lisboa: 1 mês, \$60—Portugal, Ilhas, Colónias e Espanha, 3 meses, 1470; 6 meses, \$540; 1 ano, \$680. Territórios da União Postal: 6 meses, \$520; 1 ano, 1040.

Não se aceitam pedidos de assinatura que não venham acompanhados da respectiva importância.—A despesa da cobrança que tiver de ser feita pelo correio é acrescentada ao preço da assinatura

ANÚNCIOS

Recebem-se, bem como reclamações, avisos, comunicados e qualquer outra publicação idêntica, aos preços da tabela, na administração da Batalha, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves, Americana, etc.

Comunicados e anúncios, quando contêm acusações a particulares ou relativos à vida privada seja de quem for, não se publicam, reservando-se o direito à administração de A Batalha de recusar anúncios ou qualquer outra matéria paga quando, por motivo de ordem moral, entenda dever recusar.

A cargo do anunciante o imposto de selo, 2 centavos

Acceptam-se anúncios de todo o país, ilhas, colónias e estrangeiro.

TABELA DE PUBLICIDADE

Artigos, reclamações e comunicados, 3.ª página, cada linha..... \$30 Na 4.ª página..... \$03 Anúncios por contrato, abatimentos especiais.

Bolsim de trabalho: anúncios até 3 linhas, por intermédio das associações ou seus sindicatos, procurando emprego, gratis.

De Precisa-se trabalhadores ou empregados, 8 centavos cada linha.

Comunicados e anúncios de Associações, Cooperativas e outras agremiações de carácter operário, preços excepcionais.

A marcação dos anúncios é feita pelo linótipo de corpo 6.

COMPANHIAS DE SEGUROS FRANCESAS

L'UNITÉ-L'UNIVERS-L'ILE DE FRANCE

Capital 17.000.000,00 francos (EM PREPARAÇÃO PARA PORTUGAL)

Representante: J. FORCADA

Praça do Município, 13

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade anónima.—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Editos de 30 dias

A contar da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido sub-chefe de distrito n.º 48 da Divisão de Via e Obras, Joaquim Gamero, a pensar por ele legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Maria de Jesus Gamero.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 3 de Agosto de 1919.

O Presidente da Comissão Executiva José A. de Melo Sousa.

A contar da data da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses os herdeiros do falecido agente reformado José Jorge, ex-agente do distrito n.º 47 da Divisão de Via e Obras, a pensar por ele legado como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo a divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Rosa Maria Gamero.

Findo este prazo será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento para os devidos efeitos.

Lisboa, 11 de Agosto de 1919.—O presidente da Comissão Executiva, José A. de Melo Sousa.

Tuberculose, anemia, falta de forças e de apetite: Nucleo-calcina

Farmácia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

Lisboa 476

Serralharia Artística

DE Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de coíres e portas fortes à prova de fogo

RUA DAS AMORÉIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

COMPANHIA DE SEGUROS "O COLONIAL"

AGENCIA GERAL :: MARITIMA ::

TELEF. C. 2974—PRAÇA DO MUNICÍPIO, 13

Agente: J. FORCADA

GRANDE RETIRO DAS PEDRAÇULAS

BEMFICA

A dois passos do terminus dos eléctricos

Completo e luxuosamente transformado

O primeiro restaurant dos arredores de Lisboa

SALAS RESERVADAS PARA FAMILIAS MEZAS PEQUENAS

Grande adega à lavradora com vinho da própria quinta, esplendida vista e magnifica paisagem.

Luxo e conforto

A Rússia Nova

por Henriette Roland

Introdução de Perfeito de Carvalho

O sumário desta utilíssima brochura dá já uma idea do seu valor. Trata ella da "Constituição actual da Rússia.—Estudo de um novo regime social.—Os Soviets e a sua obra.—Abolição da propriedade privada e reforma agrária.—Os serviços de instrução na Rússia.—Os factos principais ocorridos no primeiro ano da ditadura proletária vigente na Rússia são aqui amplamente estudados, sobre textos de Olaniof (Lénine), de Lunacharsky e de outros vultos proeminentes da República dos Soviets. Toda a legislação do regime troyo é analisada no seu aspecto essencial.

Uma bela brochura de 32 páginas, composição compacta, capa a cores.

PREÇO \$10 centavos

A' venda na administração de A BATALHA, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª